

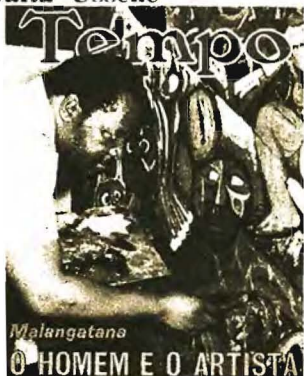
Malangatana

O homem e o artista

É manhã de domingo. Aproxima-se das onze horas. Malangatana Valente Ngwenya, o pintor que já transpôs as fronteiras com a sua obra extasiante, está de calções no seu «atelier» e conversa com visitantes, sempre abundantes. Pede para esperarmos um pouco para eu despachar esta gente, e depois lamenta-se porque desde manhã ainda nem ajudei nada aqui em casa. Tenho sempre visitas. A dimensão da sua obra é deveras apaixonante e chamativa. Malangatana vai completar 50 anos em Junho próximo. Porque não uma abordagem ao percurso de Malangatana homem e de Malangatana artista?

Entrevista de Hilário Matusse

Fotos de Naíta Ussene



Despachado já das visitas, Malangatana acceita-se de nós, que absorvidos por uma viagem pelos quadros que ascendendo a dezenas, fazem a coleção da família, no atelier-galeria «Hloyase». E pergunta: *Más exactamente, sobre que assunto é que querem conversar?*

«Tempo» — *Bom, nós queremos conversar sobre Malangatana pessoa e Malangatana artista. Mas talvez possamos começar pelo primeiro lado: Malangatana pessoa...*

Malangatana Valente — Eu nasci

a 6 de Junho de 1936, em Matalane, no distrito de Marracuene. Meu pai era trabalhador na África do Sul, onde passava muito tempo. Toda a minha infância foi passada em Matalane, junto da minha mãe e meus irmãos, e ainda meus tios.

T. — *Que memórias tem dessa infância que possam ser responsáveis, digamos assim, pelo universo cultural que foi crescendo em si?*

M. V. — Não tive uma vida diferente das outras crianças das áreas rurais ou daquela zona. Corri atrás



«Não tive uma vida diferente das outras crianças das áreas rurais»

de gafanhotos, fiz armadilhas para os ratos e para os pássaros. Mas de facto, o ambiente cultural e algumas tendências artísticas da minha mãe fizeram desde essa altura com que se lançasse a semente. Foi lá que comecei a vida cultural.

T. — *E Malangatana revive esses tempos no silêncio de uma pausa que nós interrompemos. Quando começa a dor de cabeça com os livros, e como decorre?*

M. V. — *Infelizmente, fui tardiamente para a escola. Só aos nove anos fui para a Missão Suíça lá em Matalane, mas a minha escola viria a ser encerrada em 1947 por ordem das autoridades coloniais. Eu fiz a 2.ª classe nessa escola, passando depois para outra da Missão Católica, onde fiz a 3.ª classe rudimentar (um nível apenas para os «indígenas» que os portugueses instituíram).*

T. — *E esta mudança não influiu na sua carreira estudantil?*

M. V. — *Claro que sim! Isto foi traumatizante para mim porque a orientação do ensino era outra.*

E A VIDA COMEÇOU DURA ...

Mas a carreira estudantil foi atribulada para Malangatana pois, como disse, embora as propinas fossem de apenas 10 escudos «a minha mãe não dispunha de condições para as pagar».

«Depois fui para criadinho do Clube de Lourenço Marques, onde como «apanha-bolas» de ténis. O clube funcionava onde agora é a sede da ONJ, Organização Nacional de Jornalistas. Tratava os «courts» de ténis que vocês agora não ligam e até estragaram. Por isso sinto muito quando passo por ali e vejo aquilo. As plantas, o caramanchão e tudo aquilo ...»

T. — *Entretanto, outros problemas surgem. A mãe enlouquece tomada por uma psicopatia e quem dá guarda a Malangatana é uma tia paterna, Ximbanda Konombeki. Então, qual o curso que as coisas vão tomar?*

M. V. — *Começo nessa altura a trabalhar nos arrozais de uma zona denominada Tsindza, a 42 quilómetros de Maputo. Mais tarde venho para a então Lourenço Marques onde trabalho como empregado doméstico, a cuidar de bebés.*

T. — *E ficou por aí?*

M. V. — *Não. Tentei vários empregos que foram falhando. Já trabalhei como funileiro, sapateiro e pedreiro. Depois voltei a trabalhar como criadinho doméstico para cuidar de bebés, o que se prolongou até 1958.*

T. — *Consta que trabalhou no antigo Clube de Lourenço Marques, onde travou encontro com importantes personalidades das artes e cultura nesse tempo. É certo?*

M. V. — *Pois, depois fui para cria-*

do do Clube de Lourenço Marques como «apanha-bolas» de ténis. O clube funcionava onde agora é a sede da ONJ (Organização Nacional de Jornalistas). Tratava os «courts» de ténis que vocês agora não ligam e até estragaram. Por isso sinto muito quando passo por ali e vejo aquilo. As plantas, o caramanchão e tudo aquilo ...

T. — *É também aí que começa uma certa posição social, ou não?*

M. V. — *Pois claro. Trabalhar no Clube de Lourenço Marques naquela altura era qualquer coisa de significativo, mesmo como criado. No princípio, para além de ser «apanha-bolas» e de tratar do recinto, também cozinhou para os outros criados. Mais tarde porém, ascendi a criado de bar e até a chefe de bar. No plano financeiro, já não ganhava os 25, 40 ou 75 escudos. Passei para os 125 escudos, o que permitia já comprar papel, aguarelas e outro material.*

O REENCONTRO COM O DESENHO

T. — *Que influência teve este emprego para a sua actividade artística?*

M. V. — *É nesta altura que inicio o desenho a sério, uma actividade que começara já lá em Matalane, quer desenhando no chão como em cadernos. Tenho também nessa al-*



Augusto Cabral, hoje director do Museu de História Natural, que «descobriu» o Malangatana artista, no Clube de Lourenço Marques

tura, a sorte de encontrar o Augusto Cabral (actualmente director do Museu de História Natural) que era sócio do Clube. Ele vê-me a desenhar, interessa-se e começa a apoiar-me.

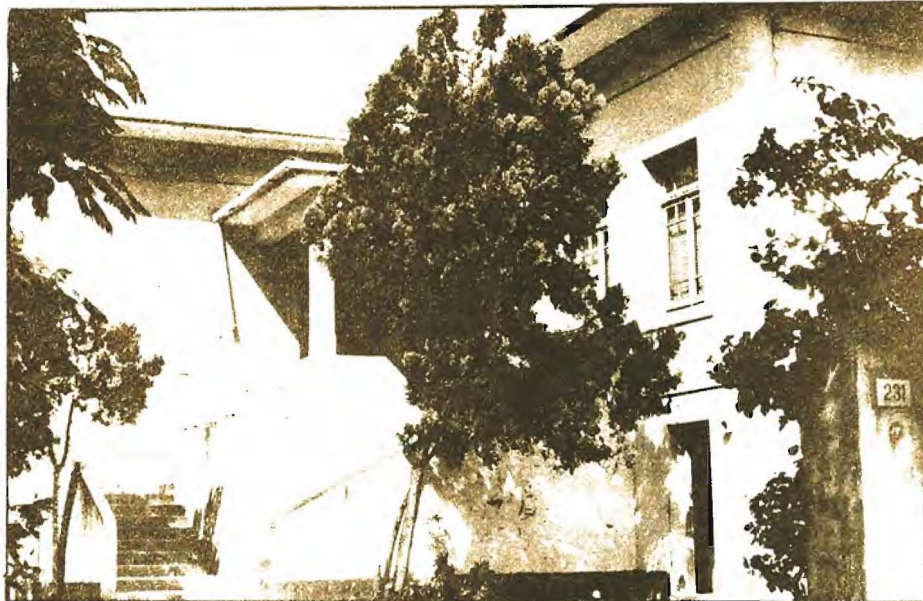
T. — *Quer dizer que será a partir desta actividade no Clube Lourenço Marques que Malangatana passará de uma carga de potencialidade a artista?*

M. V. — Sim, porque o Augusto Cabral apresentou-me ao João Aires, um grande artista, e ambos levam-me ao Núcleo de Arte onde Zé Júlio e Sérgio Guerra se interessam por mim. Isto em 1957.

Começo já a participar em exposi-



«Lá no bar, quase não se apercebiam desta minha segunda sensibilidade»



Aspecto do ex-Clube de Lourenço Marques onde Malangatana trabalhou como criado

ções colectivas com dois ou quatro quadros, até que em 1961 aparece a minha primeira exposição. Mas foi, de facto, um longo percurso no qual os escolhos eram amenizados pelo encorajamento de alguns.

T. — *Miranda Guedes. Um nome. Um arquitecto. Um artista. Um nome que marcou, certamente, a sua carreira. Pode falar-nos desses contactos?*

M. V. — Antes de 1961, quando da minha primeira exposição individual, aparece o arquitecto Miranda Guedes, que me aconselha a guardar algumas das minhas coisas. Começo a colecionar obras minhas. Entretanto, ele vai comprando algumas peças por mês, com um fim didáctico.

Mais tarde, ele convida-me a trabalhar em sua casa onde me oferece

um «atelier» e uma mensalidade. Ele vai ensinar-me a pintar de outra maneira. Ajuda-me a perceber o valor da arte, da pintura. Ele imprimiu em mim a consciência cultural e artística.

T. — *Pode-se concluir então que assim, estaria feito já o reencontro do Malangatana com o desenho que iniciara em Matalane?*

M. V. — É exactamente isso. Aqui eu tomo consciência de todo esse potencial que os primeiros traços representavam. É portanto uma continuidade já num plano mais amplo e lúcido desse primeiro desenho.

A CONSCIÊNCIA E O UNIVERSO CULTURAIS

T. — *Os primeiros quadros têm como motivos marcantes temas mito-*

lógicos. Que explicação para o facto?

M. V. — Isso tem a ver com a realidade do meio em que cresci. Os contos que a minha avó e minha mãe iam contando enquanto eu crescia. Também os curandeiros e os rituais de toda uma vida socio-cultural que me circundava e que fazia a gente de Matalane.

Aliás, sobre isso o Miranda Guedes vai assumir uma posição didáctica. Ele vai conversando comigo e ensinando o mundo da arte. Mas ao mesmo tempo, ele disse-me para voltar a Matalane e ficar lá um mês a investigar esses aspectos culturais e sociais da vida daquele meio.

T. — *O que é que terá mais contribuído para essa consciência e para a assumpção de um universo cultural, em casa do Miranda Guedes?*

M. V. — Bom! Ele recebe muita gente ligada à cultura, às artes e à pintura. Ouço-os falar e assisto a palestras. É ainda Miranda Guedes que faz fotografias dos meus quadros e envia para a Europa, de onde vêm comentários e apreciações bastante valiosas para a minha aprendizagem.

A OUTRA FACE ...

T. — *Há sempre uma face obscura no Homem. E no artista ela é mais profunda e mais enigmática. Tanto quanto seja a sua sensibilidade o seu Universo emocional. Para Malangatana por exemplo, qual é o assunto da pintura, a temática?*

M. V. — Eu pinto o Homem. O Homem e os seus problemas, a sua vida de luta ou de alegria.

T. — *E com os temas mitológicos pensava abarcar esse domínio?*

M. V. — Olhe! Em 1961 quando o Dr. Eduardo Mondlane e a esposa

vêm visitar Moçambique, Miranda Guedes proporcionou-me condições para eu oferecer um jantar àquela individualidade. Eu estava esperando que era daquela vez que ia conseguir uma boleiazita para a Amé-

T. — Mas esses eram nomes conotados com a «subversão» pelo regime. Não lhe trazia problemas contactá-los e até influenciar-se por aquilo que chamou de «certa perspectiva», já que em redor de si andavam

gunda sensibilidade. Achavam que dava um bom criado, servia torradas bem feitas, um bom «whisky» mas não podia passar daí. Não sabiam que as conversas que se desenrolavam nas três salas que marcavam a estratificação mesmo daquele clube, eram depois transmitidas por mim aos Craveirinha, Rui Nogar, Luís Bernardo Honwana, Daniel Tomé Magaia e outros.

T. — Era assim uma espécie de clandestinidade?

M. V. — Sim, pois claro que acabava por ser. E nota que são eles que me obrigam a ler, por exemplo um livro de que me não lembro o título, mas que falava de um criado argelino nos bares dos franceses. Então, eu encontrava-me naquela descrição e assim crescia uma certa consciência e a tal perspectiva que se vai reflectir nos meus trabalhos.

«Em 1961 quando o Dr. Eduardo Mondlane e a esposa vêm visitar Moçambique, Miranda Guedes proporcionou-me condições para eu oferecer um jantar àquela individualidade. Eu estava esperando que era daquela vez que ia conseguir uma boleiazita para a América ou qualquer coisa. Estava mesmo convencido que ele me ia levar consigo».

rica ou qualquer coisa. Estava mesmo convencido que ele me ia levar consigo.

T. — Mas e então? ...

M. V. — O que aconteceu é que ele disse não! Tu não sais aqui de Moçambique. A tua obra exige e obriga-te a inserires-te cada vez mais nesta sociedade. Quer dizer, pintar o Homem significa trabalhar sobre um Homem concreto. E esse, era o homem da sociedade a que eu pertencia. Na altura pensei que me estavam a cortar as pernas. Que não me queriam ajudar. Mas depois entendi e estou muito satisfeito por isso.

T. — Mas pintar o Homem pode ir mais além das fronteiras da terra-mãe. O Homem tem uma dimensão universal. Ou não?

M. V. — O meu país é sempre o ponto de partida para qualquer tentativa de universalidade. Não me contendo nas delimitações fronteiriças nem mesquinhas. Sou parte do mundo, mas num espaço concreto: Moçambique.

T. — Mas nesta senda, a de pintar o Homem, terá certamente tido outras influências, outros contactos sedutores ...

M. V. — Sim. Faço depois disso contactos com o José Craveirinha, Daniel Tomé Magaia, o Luís Bernardo Honwana e muitos outros. Mas essencialmente estes, vão proporcionar-me uma certa perspectiva.

outros nomes e talvez de outra perspectiva?

M. V. — De facto, pode imaginar o quanto era difícil para mim que trabalhava num bar burguês relacionar-me com essas pessoas que referi. Mas a verdade é que lá no bar quase não se apercebiam desta minha se-

«O meu país é sempre o ponto de partida para qualquer tentativa de universalidade. Não me contendo nas delimitações fronteiriças nem mesquinhas. Sou parte do mundo, mas num espaço concreto: Moçambique».



T. — Em que consiste afinal a inovação, resultante de toda esta influência até já politizada?

M. V. — Se a minha exposição de 1961 teve como marca os aspectos mitológicos, a história muda depois disso. Estes meus amigos que encontro fora da casa de Miranda Guedes fazem-me ver que não posso ficar só pela mitologia. Eles dizem-me que há o Homem e a sua situação. Falaram-me da sublevação de Angola, na altura, e dos próprios problemas moçambicanos.

T. — E como se manifesta isso na própria obra?

M. V. — Começo então uma pintura mais agressiva. Pinto monstros atacando e sufocando o Homem, os problemas no cais, o carregador de baldes de dejectos nos subúrbios. Quer dizer, os temas alargam-se para um plano social maior.

T. — E satisfaz-lhe esse novo tipo de pintura, para os problemas para que se abria a consciência?

M. V. — Talvez tenha tido uma certa incapacidade plástica para retratar as coisas tal como se passavam. Mas o sentimento era já esse e cada obra contava um episódio, contestava-o, apreciava-o.

«Lá no bar, quase não se apercebiam desta minha segunda sensibilidade. Achavam que dava um bom criado, servia torradas bem feitas, um bom «whisky» mas não podia passar daí. Não sabiam que as conversas que se desenrolavam nas três salas que marcavam a estratificação mesmo daquele clube, eram depois transmitidas por mim aos Craveirinha, Rui Nogar, Luís Bernardo Honwana, Daniel Tomás Magaia e outros».

RETROSPECTIVA ESTARÁ INCOMPLETA...

Cinquenta anos de vida volvidos, a figura e obra de Malangatana vão estar em público numa exposição-retrospectiva a realizar em Maio próximo. A sua obra está ligada a artistas e colecionadores de nomeada no mundo inteiro. Se isso permite-nos aferir do seu valor, não é menos verdade que esta exposição-retrospectiva estará incompleta porque são muitos os seus quadros que se espalham por terras fora.

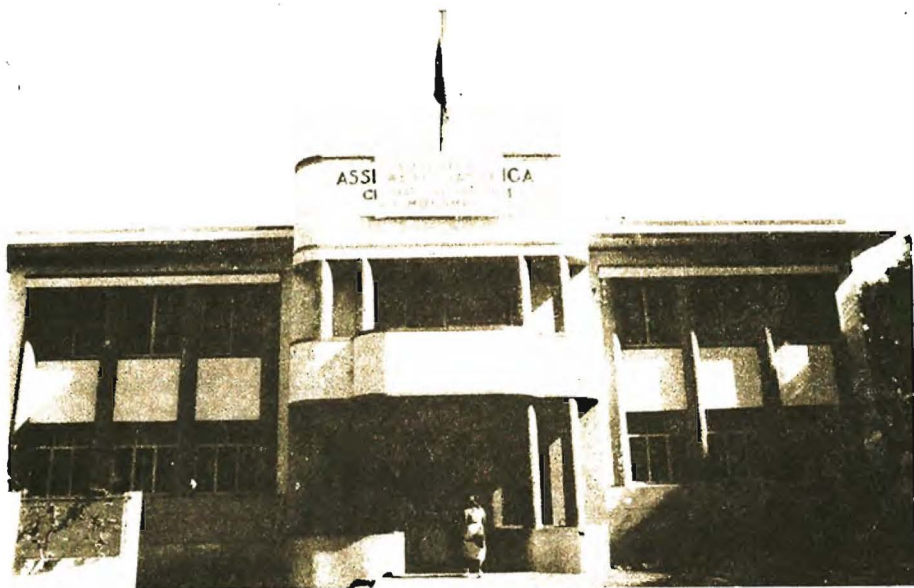
Portugal é um caso particular, dadas as razões históricas que se tornaria redundante referir. E foi isto que levou Malangatana a declarar numa entrevista à Revista «Casa & Jardim», de Portugal, quando da sua visita em 1983 integrado na comitiva que realizou a Semana de Moçambique no Casino Estoril, que encontrei-me aqui com

muitas pessoas que me convidaram a visitar as suas casas para ver obras minhas dos anos sessenta. Quase todas as obras das três exposições dos primeiros anos da época setenta estão aqui em Portugal.

Mas não só. Malangatana tem também quadros na RFA, Inglaterra, Suíça, EUA, França, Gana, Nigéria e outros pontos do mundo, segundo informou o director do Museu Nacional de Arte, Eugénio Lemos.

E porque a obra de Malangatana ganhou dimensão universal, consta que a exposição vai inaugurar em Maputo, mas seguirá depois para algumas cidades europeias, entre as quais Lisboa, e talvez também para os Estados Unidos.

H. M.



O Centro Associativo dos Negros de Moçambique foi palco de intensa acção cultural, em que participou Malangatana

FILHO PRÓDIGO?

T. — *Haverá algum nome ou alguma actividade que marquem, como referentes, um determinado movimento artístico em que se tenha inserido?*

M. V. — Por exemplo, nos anos 60 começa a crescer um movimento artístico no subúrbio. Demarcam-se já duas zonas: o Núcleo de Arte, na zona de cimento, e nós, nos subúrbios. Trabalhamos eu, o João Munguambe, o Samate e mais tarde apareceu o Chissano, que era servente no Núcleo de Arte. Quando lá chegou, eu era assim meio-sócio e meio-servente. Tinha já, entretanto, ganho um primeiro prémio em 1962, um segundo

e ainda uma menção honrosa em várias exposições em que me fora proporcionado participar. Aí conhecera o Jacob Estêvão, o Elias Estêvão, o Vasco Campira, que para mim tenho-os como os primeiros artistas a seguir à Bertina Lopes e ao Luís Polonah. São estes os nossos antecessores que acabaram por se tornar referentes.

T. — *Então estes artistas exerceram alguma influência...*

M. V. — Pois. Não são só o Augusto Cabral e o Miranda Guedes que me ajudam. Mas são também esses três artistas: Jacob Estêvão, Elias Estêvão e Vasco Campira que me dão inspiração e alento porque tendo ul-

trapassado as barreiras da raça para se afirmarem, eu também convenciam-me que era possível singrar.

T. — *Terá pessoalmente engajado alguns artistas neste movimento artístico que começava a crescer nos subúrbios e com que se identificava?*

M. V. — Sim! Por exemplo, depois de um encontro em Kakate, Marraquene, com Mankeu Mahumane em que lhe faço lembrar que os desenhos que ele fazia na escola poderiam ter um grande valor como obra artística, ele vem para a cidade. É também o caso de Pais Ernesto Chicane, com quem trabalhara nos arrozais, e do Fernando Machiana, a quem puxo para a arte. Andava também um Guerra Manuel, o Metine Macie e o Obadias Mulhanga que foram enriquecendo esse movimento.

T. — *Mas este movimento acabava nas fronteiras da pintura?*

M. V. — Não! Passámos a juntar-nos e organizar exposições na Galeria do Chissano, no Centro Associativo dos Negros de Moçambique e na Associação Africana.

Quando o Grupo da Universidade de Lourenço Marques ia apresentar peças teatrais convidava-nos para fazermos exposições. Tínhamos também o grupo de cantares e danças, o Xikuwa-kuwa de Matalane, que começa a aparecer em todos os recitais. Assim, o nosso grupo já não era só de artes plásticas.

O XIKUWA-KUWA

T. — *Como insere o agrupamento Xikuwa-kuwa neste movimento?*

M. V. — O grupo nasceu de uma dinamização cultural que fizemos lá em Matalane. Eu, o Lindo Hlongo, o Filipe Machiana, a Ema Zedequias Machiana, o Belmiro Magule e outros mais. Fizemos palestras sobre a arte, levámos livros e promovemos uma educação artística.

Fizemos também muitas exposições no interior, com os quadros pendurados nas árvores e organizámos muitas realizações de carácter cultural. Foi aí que nasceu o conjunto Xikuwa-kuwa de Matalane. Portanto, como parte de um movimento artístico.

T. — *Howe, a par destas, actividades que visassem aspectos sociais dos que aí viviam?*

M. V. — Houve sim. Criámos uma comissão pró-escolar de Matalane, que tinha como fim conseguir a reabertura de uma escola criada pelo velho Tobias Machiana que tinha sido encerrada nos anos quarenta. E conseguimos. Conseguimos a criação de um posto de saúde que funcionou em minha casa. Havia médicos e es-

Lindo Hlongo, à esquerda, num acto da peça «O lobolo», em que participou também Malangatana



M. V. — Este movimento estendeu-se até 1974. Mas mesmo nessa altura, há jovens que tendo aparecido ainda nos anos 60, vão agora fazer com que as artes plásticas não parem. São jovens como o Ernesto, o Roque que fazem com que as artes plásticas continuem.

VIRADA A PÁGINA

T. — *1974 marca muitas mudanças. E quando há mudanças de ca-*

artista que se considere consagrado e por isso não sinta este chicote ...

T. — *Falou de músicos e de escritores para ilustrar uma opinião sobre pintura. Será que encontra uma interacção entre os vários domínios das artes?*

M. V. — Como é que um bom baterista, um bom tamborista, um bom dançador de ngalanga não vai mexer nas minhas tintas, nas minhas cores e visões? Eu não ignoro a força da arte maconde. Ela esmaga-me. É uma fonte. Afirmou-se aqui e fora de Moçambique. Nas universidades e em todas as esferas da cultura é uma discussão permanente. Ela é uma referência tal como a música chope.

T. — *Mas o que é preciso para que esses jovens levem as artes plásticas do país ainda a pontos mais altos?*

M. V. — É preciso dar apoio cada vez maior a estes jovens. Dar formação académica e artística para que produzamos cenários, murais, ilustração de livros. Eu estudei artes decorativas em 1955, e o que tínhamos como modelos eram as esculturas gregas, italianas. Mas nunca houve uma peneira ou uma gameja para nós pintarmos. Nunca nos falaram da arte africana. Hoje não! Os horizontes são maiores.

T. — *Um grande problema nas artes hoje é escrever o quê, cantar o quê. Em relação à pintura, pode-se também perguntar: pintar o quê?*

M. V. — A pintura deve reflectir os problemas de amor, da guerra. O pintor deve registar aquilo que o

«Da mesma maneira que o Fanny Pfumo foi alavanca no seu tempo, hoje há também «pivots» nas artes. E aí daquele artista que se considere consagrado e por isso não sinta este chicote ...».

tudantes da Universidade que iam lá e prestavam assistência às pessoas.

T. — *Parece que é neste movimento que se afirma o talento de Lindo Hlongo para o teatro. Ou não?*

M. V. — Pois, Lindo Hlongo aparece com a peça «O Lobolo». Mas esta não era a sua primeira peça. Ele tinha já revelado essas qualidades numa peça chamada «O Xibalo», apresentada na escola velha de Matalane, na qual participaram velhos como o Tobias Tricane Machiana. É ainda ele que faz a peça «As Trinta Mulheres de Muzeleni».

A peça «O Lobolo» veio projectar ainda mais as artes plásticas, no quadro deste movimento artístico. No seu cenário aparecem quadros de Mankeu, Samate, esculturas de Chissano, etc. Há ainda outros nomes ligados a este movimento, como sejam o Norberto Barroca, então um universitário de tendências liberais, Milagre Muthemba, o Neves Afonso, o Abner Sansão Muthemba e outros.

T. — *Este movimento irá até quando, em termos de tempo?*

rácter estrutural como as que se processam no país, há muitos referentes e modelos que se perdem. Qual o efeito nas artes plásticas?

M. V. — Embora haja a questão de muitos jovens se terem tornado decalcadores dos mais antigos, há também aqueles que apareceram com uma linguagem própria e que evolui.

T. — *Em que influi isso nos chamados artistas consagrados?*

M. V. — Isso obriga a uma revisão dos próprios consagrados. Eu sinto que estes jovens servem de desafio à nossa consciência de acomodados. Talvez seja isso que vai fazer com que não fiquemos parados. Sinto isso nos músicos, nos escritores. Da mesma maneira que o Fanny Pfumo foi alavanca no seu tempo, hoje há também «pivots» nas artes. E aí daquele

«Como é que um bom baterista, um bom tamborista, um bom dançador de ngalanga não vai mexer nas minhas cores e visões? Eu não ignoro a força da arte maconde. Ela esmaga-me. É uma fonte».

QUANDO O HOMEM CONVERGE COM O ARTISTA

Malangatana é sem dúvida o maior pintor moçambicano. O percurso da sua obra está intimamente ligado à sua infância, ao ambiente e à vivência do meio que o rodeou quando crescia.

A sua obra parece ser uma recriação de todo esse manancial cultural num plano adulto. É isto que vai marcar profundamente o seu trabalho, dando característica peculiar aos seus quadros. Por isso, para reconhecer um quadro de Malangatana não é necessário ler a assinatura. Ela está nos próprios traços, e no vigor da expressão representada. E aqui o homem e o artista convergem. A dicotomia ofusca-se...

Bolseiro da Fundação Gulbenkian em 1971/1972, Malangatana aprende em Portugal a trabalhar em cerâmica e gravura. Aproveita igualmente o ensejo para contactar outros artistas e visitar museus com assiduidade. Visita igualmente a França, Inglaterra, Espanha e Suíça, enovelando-se na teia universal das artes plásticas. Mas

nem por isso perde o seu «ponto de partida», os seus referentes.

Na sua obra, Malangatana continua, apesar de tudo isto, a fazer a intersecção entre a infância e o presente (sempre presente em cada tempo determinado). Os seus trabalhos são sempre o conto e o canto, e a narrativa de todas essas histórias de uma tradição oral à grisalha de antiga. Igualmente, os problemas do seu Continente e do seu país estão nas expressões dos seus quadros, num casamento, óbvio, com uma Noémia de Sousa, um José Craveirinha, um Rui de Noronha ou até um António Jacinto, de Angola.

Malangatana participa assim na luta com o lápis, as tintas e a tela. Ele sente e entrelaça-se à vida e ao Mundo que ama e contesta. E faz assim não uma arte por arte, mas uma arte interventiva e participativa. Por isso dinâmica. É um perfil que se traça, de uma estatura que bem merece a nossa vénia.

H. M.

circunda. A questão é como isso se faz. Eu gosto muito do pintor indisciplinado. Aquele que pinta sem ser ditado. Aquele que pinta o que e como sente e não como a sociedade quer que ele sinta.

QUE É A PINTURA?

T. — *A pintura é talvez uma forma erudita de comunicação, com lin-*

lise a um quadro, uma escultura, uma peça de cerâmica e chegas à conclusão de que é negativa, então já leste a obra e essa leitura já te foi útil.

T. — *Esta noção de pintura estará patente, ou esteve, nas exposições que fez mesmo antes da Independência?*

M. V. — A minha primeira exposição era composta por 57 obras. Todas versavam temática mitológica. A segunda (das individuais), em 1970,

«A pintura deve reflectir os problemas de amor, da guerra. O pintor deve registar aquilo que o circunda. A questão é como isso se faz. Eu gosto muito do pintor indisciplinado. Aquele que pinta sem ser ditado. Aquele que pinta o que e como sente e não como a sociedade quer que ele sinta».

guagem própria. Que é afinal, para si, a pintura?

M. V. — Tentando «egoisticar» um pouco, ela é acima de tudo uma forma de descarga. É para mim um pote aberto para onde descarregamos toda a angústia, a fúria como artistas. Ela é um refúgio para quando estou zangado, quando estou alegre e quando estou dentro de mim próprio.

T. — *Como ler um quadro por exemplo?*

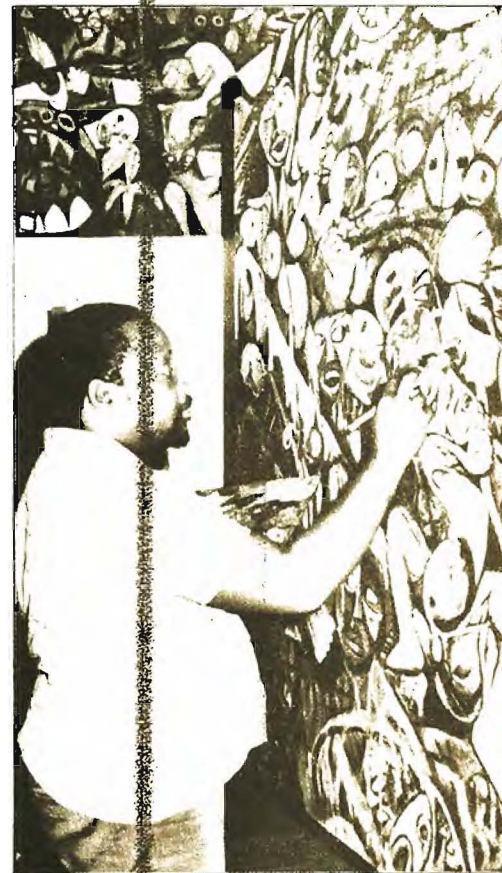
M. V. — Quando fazes uma aná-

lise a um quadro, uma escultura, uma peça de cerâmica e chegas à conclusão de que é negativa, então já leste a obra e essa leitura já te foi útil.

foi feita já com um sentido político, revestida de uma descarga contra o que era o Homem e a sua situação aqui e naquele tempo. Não que os quadros fossem panfletários. Mas estavam repletos de um sentido e um sentimento políticos.

O LADO FAMILIAR

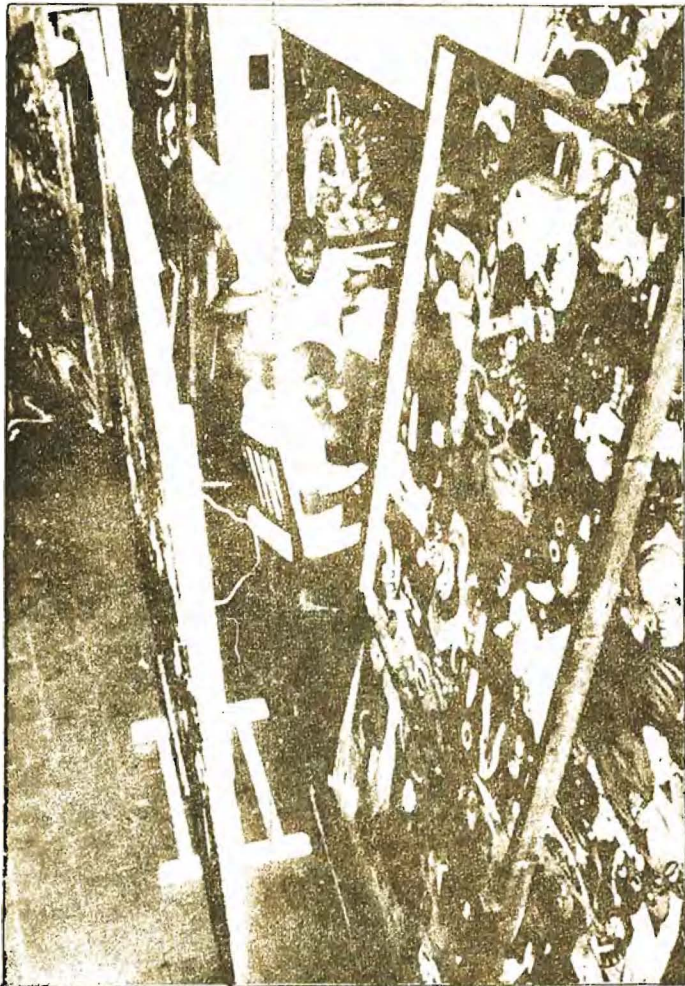
T. — *Malangatana é um homem e daí o seu lado afectivo. Tem esposa e filhos, a quem dedica tempo e re-*



«A pintura é um refúgio para quando estou zangado, quando estou alegre e quando estou dentro de mim»

serva lugar na sua vida. Por exemplo, o atelier-galeria «Hloyase tem o nome de sua mãe. Pode explicar as razões da escolha?

M. V. — A minha mãe, tal como o meu pai que fazia esteiras, tinha algumas habilidades. Fazia tatuagem no corpo de muitas jovens, um ritual e valor de estética na altura. Afiava



«Pinto o Homem e os seus problemas»

dentes às pessoas e fazia trabalhos em missanga. Era capaz de bordar uma cabaça inteira só com missangas, fazendo coisas de arte belíssimas. E influenciou-me. É por isso uma homenagem.

T. — Podem ser vistos aqui centenas de quadros, alguns que nem são da sua autoria. Isso obedece a algum critério?

M. V. — Eu tenho aqui trabalhos de óleo e desenhos. Tenho aguarelas, acrílica e tinta da china, gravura e serigrafia. Eu coleciono também obras de outros artistas. Guardo também obras de um tio, Makhelele Ngwenya, que era escultor, de um outro tio, João Ngwenya, que fazia pilões. Mas este «atelier» só foi pos-

«A pintura é talvez uma forma erudita de comunicação, com linguagem própria. Que é afinal, para si, a pintura?»

M. V. — Tentando «egoisticar» um pouco, ela é acima de tudo uma forma de descarga. É para mim um pote aberto para onde descarregamos toda a angústia, a fúria como artistas. Ela é um refúgio para quando estou zangado, quando estou alegre e quando estou dentro de mim próprio».

sido possível fazer-se esta retrospectiva por ocasião do meu quinquagésimo aniversário. Igual admiração e agradecimento estendo aos meus filhos que, mesmo pequenos, nunca brincaram com nenhum quadro, nunca riscaram ou danificaram qualquer obra. Estão aqui quadros que quando eles nasceram já tinham sido feitos. Há também amigos que me deram muita coragem e apoiaram.

T. — Malangatana é marido e pai. Pode falar-nos dessa sua faceta?

M. V. — Sim, estou casado com Gelita Mhangwana e sou pai de quatro filhos: Mutxhini Mário, Hehlise Gracieta, Cecília e Manguiza. Todos entendem este meu mundo de artista e apoiam-me, encorajam-me.

T. — E agora só para terminar. Como encara essa exposição retrospectiva da sua obra, que vai marcar as celebrações dos seus cinquenta anos de vida?

M. V. — Penso que ficará demonstrada a ponte entre a minha infância e a obra que depois fiz. Houve momentos em que não tive consciência disso mas agora acho que tudo o que vem aparecer hoje é continuidade da minha infância.

«A minha mãe, tal como o meu pai que fazia esteiras, tinha algumas habilidades. Fazia tatuagem no corpo das jovens, um ritual e valor de estética na altura. Afiava dentes às pessoas e fazia trabalhos em missanga. Era capaz de bordar uma cabaça inteira só com missangas, fazendo coisas de arte belíssimas. E influenciou-me».

sível graças à minha mulher e meus filhos que sempre souberam entender e respeitar esta minha vontade artística. Por exemplo, quando estive preso pela PIDE em 1965, a minha mulher não só não vendeu as peças que eu tinha feito, apesar das dificuldades, como também trazia para casa o que eu fazia na cadeia e guardava. Se não fosse ela, nunca teria

A minha mãe às vezes conta coisas que eu fazia, e que encontro identificadas no que faço hoje.

T. — E que significará a retrospectiva no plano externo?

M. V. — Penso que servirá a reinserção de Moçambique no plano artístico Universal. Ela comporta uma reafirmação. □